



Curso

POR UM MUNDO ONDE CAIBAM MUITOS MUNDOS: LITERATURAS DO SUL GLOBAL



Rigo 23's Autonomous InterGalactic Space Program (2012)



Segunda-feira (21/10/2024).

Primeiro Módulo (tarde – presencial e online).

Transmissão online: <https://www.youtube.com/@laboteleuesb/streams>

Transmissão online, também: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>

Às 15:00 hrs, Lúcia Ricotta Vilela Pinto (UNIRIO).

Às 16: 00 hrs, Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF).

Quando chove rebentam os troncos: etnicidade e nacionalismo na poesia e no pensamento do intelectual angolano Arlindo Barbeitos.

Terça-feira (22/10/2024).

Segundo Módulo (manhã – presencial e online).

Transmissão online: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>

Às 10:00 hrs, André Pereira Botelho (UFRJ).

Uma sociologia política da cultura: o modernismo brasileiro.

Às 11:00 hrs, Aline Magalhães Pinto (UFMG).

Como se fosse um mundo: metáfora e pós-humanismo.

Terceiro Módulo (tarde - online).

Transmissão online: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>

Às 15:00 hrs, Nazir Ahmed Can (UAB - Barcelona).

O Brasil e as literaturas africanas: notas sobre a pesquisa, a transferência do conhecimento e a formação docente.

Às 16:00 hrs, Jordi Cerdá Subirachs (UAB - Barcelona).

Princípio de nostalgia. Gramiro de Matos e *Antologia da Novíssima Poesia Brasileira*.

Às 17:00 hrs, Ramón Grosfoguel (UC – Berkeley).

Descolonizando el pensamiento sobre el colonialismo y el racismo, para entender el fascismo del siglo XX e del XXI.

Quarta-feira (23/10).

Quarto Módulo (manhã - online).

Transmissão online: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>

Às 10:00 hrs.

Conversa com a artista Silvia Della Maddalena sobre algumas de suas séries de obras têxteis inspiradas na ordem cosmológica de comunidades andinas.

Às 11:00 hrs, Ricardo Martins Valle (UESB).

Palavras escritas de um “homem-medicina”:

do fim da vida livre à obra de um médico e escritor Sioux.

Quinto Módulo (tarde - online).

Transmissão online: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>

Às 15:00 hrs.

Conversa com o poeta Gramiro de Matos.

Às 16:00 hrs, Larissa Costa da Mata (UFERSA).

O vórtice amazônico de Euclides da Cunha

Quinta-feira (24/10).

Sexto Módulo (manhã - online).

Às 10:00 hrs, Bairon Oswaldo Vélez Escallón (UFSC).

Restituir (o sentido da) presença.

Às 11:00 hrs, Maryllu de Oliveira Caixeta (UESB).

Estórias na longa noite Ocidental

Sétimo Módulo (tarde - online).

Transmissão online: <https://www.youtube.com/@TraduzindoMundos/streams>

Às 15:00 hrs, Luís Augusto Fischer (UFRGS).

Às 16:00 hrs, Cássio Roberto Borges da Silva (UESB).

Por diálogos isonômicos: perspectivismo; genealogia e literatura menor

PROGRAMAÇÃO - Resumos

COMO SE FOSSE UM MUNDO: METÁFORA E PÓS-HUMANISMO

Aline Magalhães Pinto (UFMG)

Os argumentos de Ewa Domanska e Isabelle Stengers servem de esteio a um exercício teórico acerca da aptidão simbólica da linguagem em produzir semelhanças não-sensíveis, base das construções metafóricas. A intuição fundamental, que pretendemos desenvolver como hipótese, encontra-se formulada da seguinte maneira: ao não encontrar disponível um vocabulário adequado à apresentação dos conteúdos abstratos que são gestados pela atividade de pensar o choque entre a atualidade do presente e a presença prospectiva de uma paisagem mais-que-angustiante de futuro, as autoras – cada uma à sua maneira-, precisam não somente renunciar à dicotomia natureza/cultura. Elas necessitam de uma espécie de tenacidade teórica para tomar a liberdade de dar nomes a uma situação que não foi exatamente prevista, muito menos desejada e que não se constitui simplesmente como a antecipação de um acontecimento que nos atormenta. O pensamento destas autoras se situa no limiar onde a máxima benjaminiana que liga progresso e catástrofe começa a claudicar, não porque tenha se tornado incorreta e sim porque se tornou insuficiente. Evocando (ainda) a potência da palavra (e da teoria), seus argumentos integram, sem dúvida alguma, a agenda das discussões contemporâneas sobre o antropoceno. Minha aposta é a de que, talvez, se tivermos sorte e tempo, a sinalização da possibilidade de sermos, senão aniquilados enquanto espécie ou, no mínimo, diluídos, destituídos de especificidade, resilidos por entre os artefatos tecnológicos e as outras formas de vida com as quais partilhamos a vida na Terra, seja também, em função de e contra os nihilismos, ensejo para a composição de um repertório metafórico atento às forças indiferentes à vaidosa agência e vontade humana e pregnante o suficiente para nos fazer repensar os vínculos entre ação e subjetividade, consciência e natureza ao invés de simplesmente abandoná-los.

UMA SOCIOLOGIA POLÍTICA DA CULTURA: O MODERNISMO BRASILEIRO

André Pereira Botelho (UFRJ)

A exposição pretende requalificar o modernismo como um movimento cultural, e não simplesmente de vanguarda, revendo aspectos históricos e empíricos a partir de uma

nova abordagem teórica que, no lugar de relacionar cultura e política, busca forjar uma sociologia política da cultura.

QUANDO CHOVE REBENTAM OS TRONCOS: ETNICIDADE E NACIONALISMO NA POESIA E NO PENSAMENTO DO INTELLECTUAL ANGOLANO ARLINDO BARBEITOS

Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF)

Nesta fala, abordarei o complexo nacionalismo que perpassa a obra do poeta e historiador angolano Arlindo Barbeitos (1940-2021), investigando a relação que sua poesia trava com as chamadas formas tradicionais, ou seja, com o repertório cultural de povos que habitam o território angolano. Pretendo sugerir que o nacionalismo que atravessa sua obra, desde *Angola Angolê*, *Angolema* (1976) e *Nzaji (Sonho)* (1979), é marcado por questionamentos que se agudizam em seus últimos livros de poemas, *Fiapos de sonho* (1992) e *Na leveza do luar crescente* (1998), bem como em sua tese de doutorado em antropologia e história colonial, publicada com o título *Angola-Portugal: Representações de si e de outrem ou o jogo equívoco das identidades* (2011). Darei destaque para as categorias de “nação”, “etnia” e “língua”, problematizadas por Barbeitos. Em sua avaliação, onde havia troca e comunicação, que a “proximidade de todas as línguas bantu angolanas” tornava “relativamente fácil”, a etnologia colonial produziu “unidades tribais”, ou seja, “entidades diferenciadas e autônomas”, forjando classificações que se perpetuaram e que, inclusive, se viram incorporadas aos discursos nacionalistas angolanos. Para Barbeitos, não se trata de desejar o bom equilíbrio entre identidades étnicas e unidade nacional, mas sim de recuar e considerar que a “visão antropológica” subjacente a programas nacionalistas é historicamente situada, isto é, localizada numa determinada *episteme*. Nesse sentido, a onipresença das categorias de “nação”, “etnia” e “língua” na construção de identidades evidenciaria, para o autor, a força de um imperialismo epistemológico ainda vigente.

RESTITUIR (O SENTIDO DA) PRESENÇA

Bairon Oswaldo Vélez Escallón (UFSC)

Aprofundando o mito moderno de uma vida ocidental sem mitos, a pós-modernidade pretendeu suspender/arranhar o domínio autoevidente da metafísica, às vezes postergando indefinidamente as solicitações de uma origem, outras vezes chegando a negar qualquer origem. No caso específico dos estudos sobre arte e literatura, a desconstrução rastreou nas escrituras (essas codificações terrenas de toda voz) os avatares da disseminação dos sentidos. No que diz respeito a seu padrão operacional de implodir unidades de sentido, a desconstrução acabou favorecendo ressonâncias com o padrão operacional da ética neoliberal, que também implodiu unidades de sentido supostamente paternalistas, caudilhistas, messiânicas, como o Estado de bem-estar social, o sindicato, o partido popular, desamortecendo a redução moderna de sujeitos a objetos (de consumo) ou a mercadorias. Essa vulgata que dedicou-se a exorcizar como

fantasmagoria qualquer proposição com sentido comum, qualquer representação (política e estética), alinhou-se ao projeto de morte da modernidade ocidental, contribuindo com o apagamento ou negação de zonas relativamente exteriores à episteme moderna, nas quais sentidos metafísicos, de integração comunitária e cósmica, fundam e refundam constantemente seus sentidos de origem, inclusive suas cosmogonias, recorrendo a experiências de *áisthesis*, de estética, de narrativas orais/escritas/gravadas/trançadas/pintadas. Na zona do não-ser, justamente, sobrevivem formas metafísicas, tradições comunitárias inventivas, que nada têm a ver com o padrão operacional rupturista (anti-metafísico) adotado como fórmula estética moderna. Mesmo sofrendo sucessivos silenciamentos pela violência cotidiana do colonialismo, pela mortificação moderno-capitalista da vida, criações comunitárias e vozes coletivas têm se organizado politicamente e vêm afirmando sua visibilidade e presença em espaços públicos. Convido-os a acompanhar este esboço de algo que considero cada vez mais urgente, particularmente na América Latina: restituir o sentido teórico e crítico dessas vozes, dessas presenças.

POR DIÁLOGOS ISONÔMICOS: PERSPECTIVISMO; GENEALOGIA E LITERATURA MENOR

Cássio Roberto Borges da Silva

Nessa intervenção, pretendo formular alguns apontamentos a propósito de dispositivos conceituais que se empenharam em aniquilar o princípio de universalidade presumido em acepções eurocêtricas de racionalidade. Nesse sentido, as noções de perspectivismo, de genealogia e de literatura menor articulam-se como condições para um diálogo isonômico com “outros mundos” culturais e históricos, reivindicando a prioridade de exigências éticas e políticas diante da voracidade dos interesses econômicos, técnicos e científicos.

PRINCÍPIO DE NOSTALGIA. GRAMIRO DE MATOS E *ANTOLOGIA DA NOVÍSSIMA POESIA BRASILEIRA*.

Jordi Cerdá Subirachs (UAB – Barcelona)

A *Antologia da novíssima poesia brasileira*, seleção e notas de Gramiro de Matos e Manuel de Seabra foi publicada em Lisboa, Livros Horizonte, 1981. Esta antologia profusa, dirigida a um público português e africano, é um olhar inquieto sobre a poesia Concreta, *Underground*, *Praxis*, Poema/Processo, Tropicalismo, Tecnológica, Consumo, Publicidade, Bacalhau, Mimeógrafo e Au, Au. Textos comprometidos — como diz o prólogo de Gramiro de Matos— com a transformação deste “Continente fantástico e faminto, colonizado e manietado, mas historicamente momentaneamente desfasado, de uma práxis capaz de uma descolonização e democratização da história, a ser descoberta e conquistada, numa língua geral de permanente descobrimento da liberdade, do homem e da sociedade. Uma nova consciência histórica” (Matos, 1981, p. 9). Uma consciência característica daqueles que, já nas revoltas de 68 e não só, se aperceberam que a lógica do desenvolvimento e a da proteção da vida — a sua própria

ou a da sua raça, gênero ou condição — se tinham tornado a contradição definidora da sua existência.

Em 1981, o fervor revolucionário em Portugal tinha-se reduzido a passos largos. Mas, sobretudo, no plano cultural, uma pós-modernidade afastava-se das miragens transformadoras e também da história. Falámos dos “longos anos sessenta”, um período que vai de finais dos anos 50 a meados dos anos 70. A Revolução do 25 de Abril situar-se-ia no vértice deste período, atesta as lutas de 1968, tem um impacto planetário pelo seu exigente processo de descolonização e desperta a atenção de um romantismo revolucionário internacionalista. A *Antologia da novíssima poesia brasileira* de Gramiro e Seabra seria o testemunho desse percurso cronológico “pelos longos anos sessenta” na poesia brasileira e, conscientemente ou não, também do seu encerramento.

UMA CONVERSA COM GRAMIRO DE MATOS

Gramiro de Matos, entrevistado por Maryllu de Oliveira Caixeta

Gramiro de Matos foi lembrado por Silviano Santiago em “Os abutres” como um dos maiores autores da literatura de “curtição” nos anos setenta e figura importante de uma literatura nos Trópicos, ao lado de outros grandes poetas como Torquato Neto e Waly Salomão. Esta entrevista busca retomar a trajetória de Gramiro de Matos em seus anos de juventude, mas também pretende tratar de aspectos menos evidentes em sua obra, como nacionalidade, contracultura, descolonização africana, Glauber Rocha, Jorge Amado, bem como repensar novas questões das artes no Brasil, tais como o interesse renovado pela literatura africana no século XXI.

O VÓRTICE AMAZÔNICO DE EUCLIDES DA CUNHA

Larissa Costa da Mata (UFERSA)

Em O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem (1990) Flora Süssekind estuda relatos do século XIX marcados pela obsessão de instaurar a historiografia literária da nação por meio da cor local como uma das linhas mestras do nacionalismo e das gêneses lineares. Por sua vez, Euclides da Cunha se distanciaria desses narradores, assim como dos viajantes naturalistas, ao compreender, em *Paraíso perdido*, que era preciso “não ver” a paisagem. Discutiremos como, em *À margem da história* (1909), parte do livro que permaneceu inacabado, Euclides da Cunha apresenta uma perspectiva da Amazônia que contesta a ciência naturalista (Wallace, Humboldt) e a pintura paisagística. Isso porque Cunha revela uma perspectiva da floresta como um vórtice, o qual suscitaria a devoração prolongada da matéria (do mundo vegetal, animal e do homem), comum a escritores como Alberto Rangel e Eustasio Rivera (Bernucci, 2017). Ao conceber homem e terra como ausências que se constituem pela lógica da aparição, da sobrevivência do original (cf. Didi-Huberman, 2018) e como espectros (o cadáver da amauaca), o autor antecipa debates contemporâneos acerca da presença-ausência do indígena na cultura

brasileira, que se daria como o atravessamento de uma figuração limiar, a de uma origem sempre ausente (Finazzi-Agrò, 2014).

ESTÓRIAS NA LONGA NOITE OCIDENTAL

Maryllu de Oliveira Caixeta

Gostaria de situar Mia Couto entre escritores de literaturas contemporâneas, africanas de língua portuguesa, que se familiarizaram com os mundos de Rosa, criados durante a falência no Brasil da tradição moderna lusotropicalista, combatida por escritores africanos nos anos de 1970, como Luandino Vieira, Mia Couto, Ruy Duarte de Carvalho. Esses escritores recusaram o imperativo de eliminação do “velho” que a modernidade do século XIX e do XX identificou a etnias bárbaras, e nisso foram mais perspicazes, mais anticolonialistas, do que as políticas culturais monolíngues de seus países independentes, autoboicotadas pela concepção moderna de um Homem novo.

O BRASIL E AS LITERATURAS AFRICANAS: NOTAS SOBRE A PESQUISA, A TRANSFERÊNCIA DO CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DOCENTE.

Nazir Ahmed Can

O Brasil é a “desmedida” de que fala Ruy Duarte de Carvalho. Parece ser ainda o “último produtor do inédito”, como também soube captar o olhar atento do escritor e antropólogo angolano no livro que dedica ao país. As duas sínteses nos ajudam a entender a relação que o país estabelece com o continente africano desde tempos recuados. Por um lado, é já bem conhecida sua resistência em integrar e lidar com a ideia da África em seu cotidiano. Por outro, localizamos também no Brasil um dos contextos mais importantes para o estudo, a disseminação de conteúdos e a produção científica sobre o continente. Observando o trajeto desenhado por docentes e pesquisadores que formalizaram o pacto com as textualidades africanas, refletiremos sobre as dinâmicas que conduziram à consolidação das literaturas escritas em português no país e, mais recentemente, à ampliação do repertório a outras línguas. Neste processo, que não é desprovido de contradições, veremos como um conjunto de elementos singularizam o lugar do Brasil na história das literaturas africanas.

DESCOLONIZANDO O PENSAMENTO SOBRE O COLONIALISMO E O RACISMO, PARA ENTENDER O FASCISMO DO SÉCULO XX E O DO XXI

Ramón Grosfoguel (UC – Berkeley)

A xenofobia, que é uma das expressões mais nítidas do fascismo, torna-se extremamente visível hoje, no noroeste da Europa, ou seja, em seus principais centros, com a ascensão de lideranças como Marine Le Pen, com os protestos violentos contra a presença de muçulmanos na Inglaterra, com o tenso alinhamento dos governos europeus às posições da OTAN sobre o genocídio na Palestina. A mesma episteme

moderna e colonialista que organizou todas as relações (não apenas as econômicas) com base no racismo antinegro, contra migrantes africanos, também fundamentou as práticas racistas e islamofóbicas na Europa, contra migrantes e minorias do mundo árabe muçulmano. A ascensão das extremas-direitas hoje precisa ser compreendida dentro de um duradouro processo desencadeado pela episteme racista do colonialismo, ou seja, por suas múltiplas hierarquias de dominação, que não se esgotaram com o fim do regime jurídico-político das administrações coloniais. Muitos se surpreendem com a emergência das extremas-direitas, porque se supunha que os nacionalismos extremistas, que levaram ao nacional socialismo (ao fascismo), tinham sucumbido com o fim da Segunda Guerra Mundial. De fato, o anti-fascismo se constitucionalizou nesse período, e os centros do Norte proclamaram-se modelos de democracia, e desenvolveram políticas de bem-estar social para as classes trabalhadoras, como medida de contenção da influência da União Soviética e do Bloco Socialista. A Guerra Fria configurou essa divisão bipolar do mundo entre dois blocos fortemente armados, ideologicamente antagônicos. Entre as consequências fundamentais da Guerra Fria estão todo um conjunto de reflexões teóricas, e algumas das mais conhecidas foram difundidas a partir da Europa e dos EUA, sobre a democracia, sobre o fascismo e sobre o que seriam regimes anti-democráticos. Nas teorizações dos centros do Norte Global, o genocídio contra os judeus, que eram cidadãos europeus, teve enorme repercussão e produziu uma forte carga de condenação moral, em contraste com os genocídios contra os indígenas e africanos, o que Aimé Césaire destacou no seu *Discurso sobre o colonialismo* (1950). A exemplo dessa publicação seminal de Césaire, nas décadas da Guerra Fria, também emergiram reflexões fundamentais sobre o vínculo entre o racismo e o colonialismo, como as de Frantz Fanon no seu *Pele negra, máscaras brancas* (1952), e no *Os condenados da terra* (1961). Esses autores foram solidários de lutas revolucionárias e nacionalistas contra duradouros processos de colonização e dominação racista, como as dos independentistas na África e na Ásia, e como as lutas por soberania dos patriotas árabes laicos. Para pensadores caribenhos como Césaire e Fanon, o fascismo foi uma manifestação doméstica e, por isso, incômoda, dos séculos de práticas racistas do colonialismo europeu. A negação da humanidade (ou seja, da religião, da alma) dos indígenas e africanos já era mencionada nas declarações de Colombo e foi institucionalmente confirmada no julgamento dos mouros em Granada, já no século XVI. A instituição do racismo, de suas múltiplas hierarquias de dominação, como parâmetro eurocêntrico de sujeição, de redução do outro (de distintas etnias, sexualidades, gêneros, etc) a objeto de extração de lucro, foi precisamente a operação fundamental do sistema-mundo moderno, a partir de 1492.

DESCOLONIZANDO EL PENSAMIENTO SOBRE EL COLONIALISMO Y EL RACISMO, PARA ENTENDER EL FASCISMO DEL SIGLO XX E DEL XXI

Ramón Grosfoguel (UC – Berkeley)

La xenofobia, que es una de las expresiones más nítidas del fascismo, se vuelve extremadamente visible hoy en día, en el noroeste de Europa, es decir, en sus principales centros, con el ascenso de líderes como Marine Le Pen, con las protestas violentas contra la presencia de musulmanes en Inglaterra, con el tenso alineamiento de los gobiernos

europeos con las posiciones de la OTAN sobre el genocidio en Palestina. La misma episteme moderna y colonialista que organizó todas las relaciones (no solo las económicas) basándose en el racismo antinegro, contra los migrantes africanos, también fundamentó las prácticas racistas e islamofóbicas en Europa, contra los migrantes y minorías del mundo árabe musulmán. El ascenso de las extremas derechas hoy debe ser comprendido dentro de un proceso duradero desencadenado por la episteme racista del colonialismo, es decir, por sus múltiples jerarquías de dominación, que no se agotaron con el fin del régimen jurídico-político de las administraciones coloniales. Muchos se sorprenden con la emergencia de las extremas derechas, porque se suponía que los nacionalismos extremistas, que llevaron al nacionalsocialismo (al fascismo), habían sucumbido con el fin de la Segunda Guerra Mundial. De hecho, el antifascismo se constitucionalizó en ese período, y los centros del Norte se proclamaron modelos de democracia, desarrollando políticas de bienestar social para las clases trabajadoras, como medida de contención de la influencia de la Unión Soviética y del Bloque Socialista. La Guerra Fría configuró esa división bipolar del mundo entre dos bloques fuertemente armados, ideológicamente antagónicos. Entre las consecuencias fundamentales de la Guerra Fría están todo un conjunto de reflexiones teóricas, y algunas de las más conocidas se difundieron a partir de Europa y de los EE.UU., sobre la democracia, el fascismo y sobre qué serían los regímenes antidemocráticos. En las teorías de los centros del Norte Global, el genocidio contra los judíos, que eran ciudadanos europeos, tuvo una enorme repercusión y produjo una fuerte carga de condena moral, en contraste con los genocidios contra los indígenas y africanos, como destacó Aimé Césaire en su *Discurso sobre el colonialismo* (1950). A ejemplo de esta publicación seminal de Césaire, en las décadas de la Guerra Fría también surgieron reflexiones fundamentales sobre el vínculo entre el racismo y el colonialismo, como las de Frantz Fanon en *Piel negra, máscaras blancas* (1952) y en *Los condenados de la tierra* (1961). Estos autores fueron solidarios con las luchas revolucionarias y nacionalistas contra procesos duraderos de colonización y dominación racista, como las de los independentistas en África y Asia, y las luchas por la soberanía de los patriotas árabes laicos. Para pensadores caribeños como Césaire y Fanon, el fascismo fue una manifestación doméstica y, por lo tanto, incómoda de los siglos de prácticas racistas del colonialismo europeo. La negación de la humanidad (es decir, de la religión, del alma) de los indígenas y africanos ya se mencionaba en las declaraciones de Colón y fue confirmada institucionalmente en el juicio de los moriscos en Granada, ya en el siglo XVI. La institución del racismo, de sus múltiples jerarquías de dominación, como parámetro eurocéntrico de sujeción, de reducción del otro (de distintas etnias, sexualidades, géneros, etc.) a objeto de extracción de lucro, fue precisamente la operación fundamental del sistema-mundo moderno, a partir de 1492.

PALAVRAS ESCRITAS DE UM “HOMEM-MEDICINA”: DO FIM DA VIDA LIVRE À OBRA DE UM MÉDICO E ESCRITOR SIOUX

Ricardo Martins Valle (UESB)

Entre 1790 e 1890, um movimento bélico-colonial que ficou conhecido como “A Conquista do Oeste” representou o desaparecimento de mundos incontáveis, no interior do atual território dos Estados Unidos da América. Um incalculável número de espécies animais e vegetais foi extinto, lagos e cursos de rios desapareceram, montanhas sagradas foram destruídas, grandes planícies foram loteadas e sistemas culturais humanos que milenariamente se desenvolveram pela adaptação àquelas dezenas de biomas foram reduzidos à monocultura humana cultivada pela guerra, pela colonização e pela precária ideia de escolarização advinda da Ásia ocidental, que chamamos Europa. Sobretudo pela popularização de uma versão farsesca desse processo pelo cinema, aquilo que o senso comum retém dessa invasão são faces grosseiras de uma caricatura desumana. Contudo, esse processo foi largamente documentado em testemunhos não oficiais: mulheres, soldados, repórteres, comerciantes, religiosos e indígenas deixaram relatos dessa experiência violenta pouco conhecida fora dos Estados Unidos; e mesmo lá o ufanismo nacionalista sobre os “pioneiros” ainda eclipsa o outro lado da história. Um corpus textual extraordinário em toda essa documentação heterodoxa é a obra literária de Ohiyesa, que nasceu como um Sioux livre, de etnia Dakota, em meados do século XIX, no início da colonização dos territórios tradicionais de seu grupo, os quais se tornariam o Estado de Minnesota por volta de seu nascimento. Depois de seu pai e seu irmão mais velho serem presos e condenados à forca entre outras centenas de homens Dakota, durante o Massacre de Minnesota (1862), os sobreviventes de seu grupo fogem para os sertões do Canadá, quando tinha apenas 4 anos de idade. Ao nascer recebera o feliz augúrio de que “um novo homem-medicina” havia vindo ao mundo, razão pela qual sua mãe morreria dias depois ao seu nascimento, como a triste contrapartida espiritual daquele anúncio. Até os quinze anos de idade, ainda com o nome de Hakadah, o “lamentável último”, foi educado pelos avós e pelo tio, que lhe deram uma formação tipicamente Sioux, inclusive preparando-o física e espiritualmente para a vingança sagrada pela vida dos parentes perdidos. Só aos quinze anos receberia do avô o nome de Ohiyesa, o “vencedor”. Eventos extraordinários, porém, que ele deixou narrados em mais de um livro, produzem uma reviravolta em sua vida. Aos 16 anos, aprende a língua da “raça odiada”, como diria em *Alma indígena* (1911), e ingressa numa carreira escolar que culminaria com sua diplomação pela Faculdade de Medicina da Universidade de Boston. Foi já como médico recém-formado e nomeado para atuar na Agência Indígena da Reserva de Pine Ridge que o Dr. Charles Alexander Eastman testemunhou as terríveis consequências do famoso Massacre de Wounded Knee, perpetrado contra um grupo de Sioux Lakota, pouco depois do assassinato do grande chefe Touro Sentado, no inverno de 1890, o último ano das assim chamadas “guerras índias”. Auxiliado pela esposa, a professora indigenista Elaine Goodale, Eastman (Ohiyesa) construiu obstinadamente uma obra literária ao longo de vinte anos, entre 1898 e 1918, uma obra escrita em oposição aberta à versão branca da história. Numa das frentes do projeto de pesquisa “Letras Indígenas Contemporâneas: Literatura Indígena e áreas afins”, desenvolvido na UESB, temos empreendido a pesquisa e tradução da obra desse escritor extraordinário que apresentamos aqui.

CONVERSA COM A ARTISTA SILVIA DELLA MADDALENA SOBRE ALGUMAS DE SUAS SÉRIES DE OBRAS TÊXTEIS INSPIRADAS EN EL ORDEN COSMOLÓGICO DE COMUNIDADES ANDINAS

Silvia Della Maddalena

Séries de obras têxteis de Silvia Della Maddalena, como "Un jardín, una crisálida, un vuelo" (MACLA, 2024), "Warmi Pallay" (Libro de artista Textil, 2016-2024), "Las manos-cuenco de neblina" (Libro de artista Textil, 2018) são a culminação de um processo artístico. Nessas séries, vemos mantos, envolturas, que em seu desenvolvimento indagam e resignificam a estrutura têxtil das comunidades andinas como metáfora de uma ordem cosmológica, aquela que envolve o corpo como texto do discurso gráfico, sustento dos fios da memória que aninham entre as próprias envolturas para subtraí-lo do esquecimento. Na intimidade do próprio fazer, "o têxtil nos tece", como a própria maneira de pensar-se tridimensionalmente sobre o mundo, fazendo crescer organicamente um corpo que interage entre outros corpos. ... um contínuo espiralado de transformação do humano, onde aninha-se o sentido sagrado da existência, da vida plena neste paraíso terrestre.

CONVERSACIÓN CON LA ARTISTA SILVIA DELLA MADDALENA SOBRE ALGUNAS DE SUS SERIES DE OBRAS TEXTILES INSPIRADAS EN EL ORDEN COSMOLÓGICO DE COMUNIDADES ANDINAS

Silvia Della Maddalena

Las series de obras textiles de Silvia Della Maddalena, como "Un jardín, una crisálida, un vuelo" (MACLA, 2024), "Warmi Pallay" (Libro de artista textil, 2016-2024), "Las manos-cuenco de neblina" (Libro de artista textil, 2018) son la culminación de un proceso artístico. En estas series, vemos mantos, envolturas, que en su desarrollo indagan y resignifican la estructura textil de las comunidades andinas como metáfora de una orden cosmológica, aquella que involucra al cuerpo como texto del discurso gráfico, sustento de los hilos de la memoria que anidan entre las propias envolturas para sustraerlo del olvido. En la intimidad de su propio hacer, "lo textil nos teje", como la propia manera de pensar tridimensionalmente sobre el mundo, haciendo crecer orgánicamente un cuerpo que interactúa entre otros cuerpos. ... un continuo espiralado de transformación de lo humano, donde anida el sentido sagrado de la existencia, de la vida plena en este paraíso terrenal.